

Aconteceu naquele verão verde e absurdo quando Frankie tinha doze anos. Este foi o verão em que, há muito, ela não era membro de nada. Não pertencia a nenhum clube, não era membro de nada no mundo. Frankie tornara-se uma pessoa desvinculada que rondava pelas portas, e tinha medo. Em junho as árvores eram de um verde-vivo estonteante mas, mais tarde, as folhas escureceram e a cidade tornou-se negra e encolhida sob o brilho ofuscante do Sol. A princípio Frankie andava de um lado para o outro, fazendo uma coisa aqui, outra ali. Os passeios da cidade estavam cinzentos de manhã cedo e à noite, mas o sol do meio-dia deixava-os lustrosos, de forma que o cimento queimava e cintilava como vidro. Por fim, os passeios tornaram-se demasiado quentes para os pés de Frankie e, além disso, ela metera-se em sarilhos. Metera-se numa ensarilhada tão secreta que achou melhor ficar em casa — e em casa só havia Berenice Sadie Brown e John Henry West. Sentavam-se os três à mesa da cozinha, repetindo vezes sem conta as mesmas coisas, de forma que, em agosto, as palavras começaram a rimar e a soar estranhas. O mundo parecia morrer todas as tardes, e já nada se movia. Por último, o verão era como um sonho verde agonizante, ou como uma selva silenciosa e absurda, debaixo de vidro. Então, na última sexta-feira de agosto, tudo mudou: foi tão súbito que Frankie esteve intrigada toda aquela tarde vazia, e mesmo assim não entendeu.

«É muitíssimo esquisito», disse. «A maneira como tudo aconteceu.»

«Aconteceu? Aconteceu o quê?», disse Berenice.

John Henry escutava e observava-as em silêncio.

«Nunca me senti tão intrigada.»

«Intrigada com o quê?»

«Com tudo isto», disse Frankie.

E Berenice comentou: «Acho que o sol te fritou os miolos.»

«Eu também acho», sussurrou John Henry.

A própria Frankie quase admitiu que talvez fosse verdade. Eram quatro horas da tarde e a cozinha estava quadrada, cinzenta e sossegada. Sentada à mesa, com os olhos meio fechados, Frankie pensava num casamento. Via uma igreja silenciosa, uma neve estranha caindo enviesada contra os vitrais. O noivo deste casamento era o seu irmão, e no lugar onde devia estar a cara dele havia apenas um clarão. A noiva estava lá, com uma cauda branca comprida, e a noiva também não tinha cara. Havia alguma coisa neste casamento que dava a Frankie uma sensação que não sabia como nomear.

«Olha cá para mim», disse Berenice. «Estás com ciúmes?»

«Com ciúmes?»

«Com ciúmes porque o teu irmão se vai casar?»

«Não», disse Frankie. «Só que eu nunca vi duas pessoas como eles. Hoje, quando entraram aqui em casa, foi muito esquisito.»

«Estás com ciúmes», disse Berenice. «Vai ver-te ao espelho. Percebe-se pela cor dos teus olhos.»

Na cozinha havia um espelho baço, pendurado por cima da pia. Frankie olhou-se, mas tinha os olhos tão cinzentos como sempre. Tinha crescido tanto este verão que era quase uma aberração enorme, com os ombros estreitos, as pernas demasiado compridas. Vestia uns calções azuis, uma camisola interior, e estava descalça. O cabelo fora cortado como o de um rapaz, mas não era aparado há muito tempo, e agora nem sequer tinha risco. O reflexo no espelho era retorcido e deformado, mas Frankie sabia muito bem que aspeto tinha; levantou o ombro esquerdo e virou a cabeça para o lado.

«Ah», disse. «Eram as duas pessoas mais bonitas que eu alguma vez vi. Só não consigo entender como é que aconteceu.»

«Mas o quê, palerma?», disse Berenice. «O teu irmão veio a casa com a rapariga com quem pretende casar, e hoje almoçou contigo e com o teu Papá. Pretendem casar-se na casa dela, em Winter Hill, no domingo que vem. Tu e o teu Papá vão ao casamento. E pronto, o assunto resume-se a isto. Portanto, o que é que te preocupa?»

«Não sei», disse Frankie. «Aposto que não passam um minuto sem se divertirem.»

«Vamo-nos divertir também», disse John Henry.

«Nós, divertirmo-nos?», perguntou Frankie. «Nós?»

Os três estavam de novo sentados à mesa, e Berenice deu as cartas para um *bridge* de três. Berenice era a cozinheira desde que Frankie se lembrava. Era muito negra, e baixa, e tinha os ombros largos. Dizia sempre que tinha trinta e cinco anos, mas já o dizia pelo menos há três anos. Usava o cabelo com risco, entrançado e colado à cabeça com brilhantina, e tinha uma cara achatada e tranquila. Só havia uma coisa errada em Berenice — o seu olho esquerdo era de vidro azul-brilhante. Olhava fixo e selvagem naquela cara tranquila e negra, mas por que razão teria ela querido um olho azul jamais alguém deste mundo saberia. O olho direito era escuro e triste. Berenice dava as cartas devagar, lambendo o polegar quando as cartas suadas se colavam umas às outras. John Henry observava cada carta à medida que iam sendo dadas. Tinha o peito branco, húmido e nu, e usava em redor do pescoço um burrinho de lata amarrado por um cordel. Era parente de Frankie, primo direito, e durante todo o verão almoçava e passava o dia com ela, ou jantava e passava a noite; e ela não conseguia fazê-lo ir para casa. Era pequeno para os seus seis anos, mas tinha os maiores joelhos que Frankie alguma vez tinha visto, e num deles havia sempre uma cicatriz, ou um penso, no lugar onde se esfolara, ao cair. John Henry tinha uma carinha branca contraída e usava uns óculos pequeninos com aros dourados. Observava todas as cartas com muito cuidado porque estava em dívida; devia a Berenice mais de cinco milhões de dólares.

«Aposto copas», disse Berenice.

«Espadas», disse Frankie.

«Eu queria dar espadas», disse John Henry. «Era o que eu ia dar.»

«Bem, pouca sorte a tua. Eu dei primeiro.»

«Oh, és uma estúpida!», disse ele. «Não é justo!»

«Acabem com a discussão», disse Berenice. «Para ser franca, não me parece que nenhum de vocês tenha um jogo tão bom que possa subir a marcação. Dou duas copas.»

«Estou-me nas tintas para isto», disse Frankie. «A mim tanto se me dá.»

De facto era assim: naquela tarde ela jogava *bridge* como John Henry, limitando-se a deitar a primeira carta que lhe viesse à mão. Estavam todos sentados na cozinha, e a cozinha era uma divisão triste e feia. John Henry tinha enchido as paredes com desenhos infantis esquisitos, até à altura a que o seu braço chegava. Isto dava à cozinha um ar absurdo, como o de um quarto no manicómio. E, agora, a velha cozinha agoniava Frankie. Frankie não tinha nome para o que lhe acontecera, mas podia sentir o coração apertado, batendo contra a borda da mesa.

«O mundo é sem dúvida um lugar pequeno», disse.

«O que é que te faz dizer isso?»

«Quero dizer, súbito», disse Frankie. «O mundo é sem dúvida um lugar súbito.»

«Bem, não sei», disse Berenice. «Às vezes é súbito e às vezes é lento.»

Os olhos de Frankie estavam meio fechados e, aos seus próprios ouvidos, a voz soou áspera, distante:

«Para mim é súbito.»

Porque, até ontem, Frankie nunca tinha pensado a sério num casamento. Sabia que o seu único irmão, Jarvis, ia casar. Tinha ficado noivo de uma rapariga em Winter Hill pouco antes de ir para o Alasca. Jarvis era cabo no exército e passara quase dois anos no Alasca. Frankie já não via o irmão há muito tempo, e a cara dele podia modificar-se, adquirir uma espécie de máscara, como uma cara vista debaixo de água. Mas o Alasca! Frankie sonhara com aquele lugar constantemente e, especialmente neste verão, tornara-se num lugar muito real. Via a neve, e o mar gelado, e os glaciares. Iglus de esquimós, ursos polares, as belas luzes do Norte. Quando Jarvis partira, pela primeira vez, para o Alasca, ela enviou-lhe uma caixa de caramelos feitos em casa, empacotando-a cuidadosamente e embrulhando cada caramelo em papel encerado. Excitara-a pensar que os seus caramelos seriam comidos no Alasca, e tinha uma visão do irmão passando-os de mão em mão a esquimós cobertos de peles. Três meses mais tarde chegou uma carta de Jarvis a agradecer, com uma nota de cinco dólares dentro. Durante algum tempo ela enviou-lhe guloseimas pelo correio quase todas as semanas, às vezes rebuçados em vez de caramelos, mas Jarvis não lhe mandou mais nenhuma

nota, a não ser no Natal. As curtas cartas dele para o pai deixavam-na, por vezes, um tanto perturbada. Por exemplo, este verão ele mencionara que tinha ido nadar e que os mosquitos eram qualquer coisa de feroz. A carta estava em desacordo com o sonho dela mas, passados uns dias de desorientação, ela regressou aos seus mares gelados e à neve. Quando Jarvis regressou do Alasca, seguiu diretamente para Winter Hill. O nome da noiva era Janice Evans e os planos para o casamento eram os seguintes: o irmão tinha telegrafado avisando que ele e a noiva chegariam naquela sexta-feira para passar o dia, depois, no domingo, seria o casamento em Winter Hill. Frankie e o pai iriam ao casamento, viajando quase cem milhas até Winter Hill, e Frankie já tinha feito uma mala. Ansiava pela altura em que o irmão e a noiva haviam de chegar, mas não se punha a imaginá-los, e não pensava no casamento. De forma que, na véspera da visita, apenas comentou com Berenice:

«Acho que é uma coincidência curiosa que o Jarvis tenha ido para o Alasca e que a noiva que ele escolheu para casar seja natural de um lugar chamado Winter Hill. Winter Hill*», repetiu lentamente, com os olhos fechados, e o nome misturou-se com sonhos do Alasca e de neve fria. «Quem me dera que amanhã fosse domingo e não sexta-feira. Quem me dera já ter deixado esta cidade.»

«Domingo há de chegar», disse Berenice.

«Duvido», disse Frankie. «Ao tempo que estou pronta para deixar esta cidade. Quem me dera não ter de voltar para cá depois do casamento. Quem me dera ir-me embora de vez. Quem me dera ter cem dólares e poder simplesmente partir e nunca mais voltar a ver esta cidade.»

«Parece-me que estás a desejar muitas coisas», disse Berenice.

«Quem me dera ser outra pessoa qualquer que não eu.»

De forma que a tarde antes de tudo acontecer foi como as outras tardes de agosto. Frankie rondara pela cozinha, depois, ao escurecer, saíra para o pátio. A latada atrás da casa era púrpura e escura ao crepúsculo. Ela caminhava devagar. John Henry West estava sentado debaixo da latada de agosto, numa cadeira de vime, as pernas cruzadas e as mãos nos bolsos.

* Monte de Inverno. (N. T.)